A ressurreição do sexagenário (José da Silva Seráfico)

Manaus não havia alcançado a marca dos 200.000 habitantes, e uma de suas principais avenidas ganhava a primeira agência do Banco de Crédito da Borracha, cuja criação se dera em 07/08/1942, pelo Decreto-Lei n.º 4.451. Do Brasil era exigida a participação no esforço de guerra em que se empenhavam os chamados aliados, em combate ao eixo Berlim-Roma-Tóquio. A queda no preço internacional da borracha, que havia sucedido o período faustoso proporcionado pelo produto natural, antes determinara o abandono dos seringais. Para a cidade, restou a desesperança. Famílias inteiras abandonaram o Amazonas e a Amazônia, em busca de perspectivas que a concorrência dos seringais da Malásia pusera por terra. A presença de Getúlio Vargas e o discurso pronunciado então (era o ano de 1940) abriu um fresta de esperança. Dois anos depois, era criado o Banco de Crédito da borracha, com a missão específica de fazer voltar a febril atividade dos seringais. Esperava-se não menos a superação das relações desvantajosas para os extratores da goma elástica com os aviadores, regatões e exportadores da borracha.

Do passado havia ficado a sensação de relações escravagistas e todas as conseqüências conhecidas desse tipo de organização social. Convenceram-se, já a sociedade e as autoridades, do sacrifício imposto ao produtor, cuja vida associava aos riscos da adaptação às condições naturais, os que decorrem de concepção pouco humana das relações sociais. Surgia o Banco, assim, com a promessa de alterar tais relações e propiciar o suprimento da borracha à máquina de guerra posta em ação em solo europeu e no Extremo Oriente.

Em 1943, 2 de abril se a memória não falha, abria-se ao público a primeira agência do Banco da Borracha. O prédio que lhe serviu de sede, ostentando aspecto diferenciado dos demais edifícios vizinhos, emprestava-lhe certo ar de discreta superioridade, ao mesmo tempo em que parecia consignar a diferença da inspiração da qual surgia o próprio banco.

Era os tempos dos jotas: J. A. Leite, J. G. Araújo, J. Mitouso, J. Soares, J. S. Amorim, cada um deles desempenhando importante papel na economia gomífera. Enquanto as embarcações desses empresários deslizavam sobre as fartas águas dos rios amazônicos, conduzindo mercadorias na ida, e voltando com seus porões repletos de pelas de borracha, o banco fornecia o numerário que alimentava as transações comerciais entre os diversos agentes econômicos. Algumas quadras adiante, entre as ruas Visconde de Porto Alegre e Duque de Caxias, situava-se o depósito do banco. Era lá que se amontoavam as pélas.

O que poucos poderiam prever, além do papel de financiador e estimulante do comércio em torno da produção de borracha, era um papel que, mesmo sem ser explicitamente consignado, o banco acabou por desempenhar: o de formador de profissionais da gerência.

Até março de 1981, a agência 033-7 funcionou na Rua Sete de Setembro, 735, próximo à esquina mais movimentada da cidade. Depois dela, foram abertas as agências de Porto

Velho (17/04/1943), Guajará-Mirim (02/07/1943) e Cuiabá (25/08/1943). Percebe-se, claramente, a intenção de levar o crédito oficial à exploração dos seringais por todo o interior da Amazônia. A velha sede, destruída quando o banco já se chamava Banco da Amazônia S.A. – o atual Basa, também serviu ao Banco de Crédito da Amazônia – BCA, denominação que perdurou de 1950 até 1966. Nesse ano, a deflagração da "Operação Amazônia" transformou o Banco e expandiu-lhe as oportunidades de negócios. Já não se tratava mais de prestar assistência financeira à produção da borracha e apoiar a infra-estrutura econômica e social necessária à atividade. O BCA passou a realizar todas as operações bancárias relacionadas às atividades econômicas viáveis na região, inclusive com a responsabilidade de funcionar como agente financeiro da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, antes entregue á gestão da SPVEA, em seguida á superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – Sudam. Agora, é à nova agência do desenvolvimento da Amazônia que cabem as ações antes a cargo da SPVEA e Sudam, ainda que com alterações fundamentais em suas operações.

Eram 48 os primeiros funcionários que trabalhavam na agência de Manaus, contra os 127 lotados na matriz do Banco, em Belém. O banco do Brasil foi chamado a colaborar na seleção dos novos bancários, alguns dos mais aceitos após provas de idoneidade e competência. Foram 92 os candidatos ao emprego oferecidos pelo Basa, com a abertura de sua agência de Manaus.

Dos numerosos gerentes que um dia coordenaram as atividades do quadro funcional do Banco, alguns ocuparam, como residência, o piso superior do edifício. Lá muitos deles passaram boa parte de sua permanência na cidade; foi lá que muitos aprenderam a amar Manaus, sendo que alguns de lá saíam para visitar suas namoradas, muitas das quais tornaram esposas dos gerentes. Outros saíram do Banco e passaram a prestar serviços a outras organizações, graças sobretudo à visibilidade que o exercício da gerência do estabelecimento proporcionava e à qualificação que ele oferecia. Há uma sucessão de nomes, a grande maioria ainda presente na memória dos amazonenses das décadas de 50 em diante, seja por ainda estarem vivos e ativos, seja por terem granjeado o respeito e a simpatia dos seus contemporâneos.

Valdemir de Albuquerque Siqueira, Eliezer de França Ramos Filho, Alfredo Carvão, Expedito Augusto Nobre, Antenor Ferreira da Cunha, Luís Américo de Amorim, Ilson Guimarães de Oliveira, Carlos Costa, Osvaldo Arsênio Antunes, Fernando Marques, Higino Guerreiro, Nélson vinhas Jobim, Sebastião Passos, Kléber Henrique Álvares, José Lopes da Silva, José B. F. Vergolino são apenas alguns desses gerentes, em cuja relação é fácil verificar a presença de profissionais bem-sucedidos e aos quais o BCB pode creditar muito do êxito no desempenho da missão institucional de que nasceu revestido.

Hoje, são quase 2.700 os empregados do Basa, dos quais 70% lotados nas agências/superintendências, nove das quais no Estado do Amazonas e 33 no território da Amazônia Ocidental.

Ao festejar seus 60 anos de existência, o banco regional colhe os frutos de uma jornada cujo início respondeu às exigências da Segunda Grande Guerra, mas que se desdobrou e hoje busca satisfazer os anseios de desenvolvimento da Amazônia e superação da desigualdade em que a região ainda se encontra, relativamente a outras regiões do país.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura